

APLICAÇÕES DO PSICODRAMA À EDUCAÇÃO ESPECIAL: FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM SERVIÇO (RESULTADOS PRELIMINARES).¹

ANTÔNIO DOS SANTOS ANDRADE²

MARLENE DE CÁSSIA T. FERREIRA³

MARIA H. MACIEL DA SILVA³

DENISE MUNAIR³

MARIA CÉLIA F. LIGABÔ⁴

VERA LÚCIA DE OLIVEIRA⁴

ERICA CRISTINA PASSOS⁴

ELIS REGINA BRANDÃO DE ARAÚJO⁴

Desde as colocações de Moreno em: “O Psicodrama na educação” (publicadas originalmente em 1929 e republicada em 1987, p. 197-205), diversos psicodramatistas têm se dedicado ao desenvolvimento do Psicodrama Aplicado à Educação (Romaña (1987 e 1992); Graham (1960), Sacks (1973), Shearon e Shearon, Jr. (1973), Mathis, Fairchild e Cannon, Jr (1980), Soares (1980), Costa (1980), Bustos (1982), Bustos e colaboradores (1982), Caré (1983), Moraes (1984), Lee (1991), Kaufman (1992).

¹ Projeto Integrado de Pesquisa subvencionado pelo CNPq e FUNDUNESP.

² Professor Assistente Doutor do Dep. De Psicologia da Educação da FCL, UNESP/Campus de Araraquara. (E-mail: antandra@convex.com.br)

³ Bolsistas de Aperfeiçoamento pelo CNPq.

⁴ Bolsistas de Iniciação Científica pelo CNPq.

Na Educação Especial, em particular, temos os trabalhos de: Kenny (1987); Clayton e Robinson (1971); Swink (1985); DuPlessis e Lochner (1981); Maxeiner (1988); Hazelton, Price e Brown (1979); na literatura internacional. E no Brasil, Mazota e Silva (1985); Amaral (1980); Andrade (1991a e 1995). Todos estes estudos comprovam o valor do Psicodrama no atendimento em grupo de pessoas com necessidades especiais, ou seus familiares.

Trabalhando com o uso das técnicas do Psicodrama em cursos e treinamentos em serviço dos profissionais, na área da Educação Comum, na literatura internacional, temos os estudos de: Maynard (1976); Bubenheimer (1979); e Kohut, Jr. (1986). No Brasil, Da Costa (1991) desenvolveu uma experiência com professores de pré-escola, utilizando o Psicodrama Pedagógico como tema e como técnica desta formação. Puttini (1991) relata o desenvolvimento de um curso realizado com professores de pré-escola e alunos do Curso de Habilitação ao Magistério, visando desenvolver o papel de professor de pré-escola, sua criatividade e expressividade, através do Psicodrama Pedagógico. Urt (1991) também descreve um curso oferecido a 20 alunos: professores de 1º grau, alunos de Psicologia e alunos do Curso de Habilitação ao Magistério, no qual realizaram-se seis encontros utilizando o Psicodrama Pedagógico. Andrade (1992b) desenvolveu grupos de promoção do auto-conhecimento sobre a prática profissional com professores de primeiro e segundo graus, numa abordagem moreniana, junto ao Centro de Psicologia Aplicada da F.F.C.L./USP, Campus de Ribeirão Preto.

Na área da Educação Especial, Rossi (1984) utilizou técnicas psicodramáticas para o treinamento dos papéis das pajens e das encarregadas de pajens de uma instituição filantrópica, que atendia a 350 deficientes mentais profundos e treináveis, de 0 a 12 anos. Andrade (1991b) realizou um curso de extensão universitária para doze profissionais do Centro de Educação Especial de Uberlândia (CEEU), do qual participaram três psicólogas, duas fonoaudiólogas, uma terapeuta ocupacional e seis professoras.

Todavia, em nenhum destes trabalhos, foi realizado um seguimento do grupo de professores e/ou profissionais de educação especial, para se investigar os possíveis efeitos da participação no curso de formação continuada. O presente projeto foi proposto com esta finalidade.

METODOLOGIA:

Participantes: 38 professores, distribuídos em 4 grupos: Grupo Experimental I: 10 professores da APAE de Araraquara; Grupo Experimental II: 08 profissionais da equipe técnica e pedagógica do Lar "Nosso Ninho" de Araraquara; Grupo Experimental III: 10 professores da APAE de São Carlos; Grupo de Controle: 10 professores da APAE de São Carlos.

Procedimentos: esta pesquisa se desenvolveu em sete fases: 1ª Fase: Levantamento Inicial: identificação das características significativas das equipes de professores para se selecionar as amostras que compuseram os quatro grupos; 2ª Fase: Pré-teste: entrevistas individuais com os professores dos quatro grupos, buscando-se obter informações sobre sua formação, história profissional, nível de realização e percepção de seu papel profissional; 3ª Fase: Formação em serviço: realização do curso com os três grupos experimentais; 4ª Fase: Pós-teste 1: no final do último mês do primeiro semestre letivo, no qual se realizou o curso de formação, entrevistou-se todos os professores dos 4 grupos: experimentais e de controle, com um roteiro semi-estruturado que buscava identificar alterações possíveis em suas práticas profissionais; 5ª Fase: Pós-teste 2: no final do ano letivo no qual se realizou o curso de formação, portanto, aproximadamente seis meses após o pós-teste 1, repetiu-se os mesmos procedimentos de coleta de dados deste; 6ª Fase: Pós-teste 3: no final do primeiro semestre letivo do ano subsequente àquele em que se realizou o curso de formação, portanto, aproximadamente doze meses após o pós-teste 1, repetiu os mesmos procedimentos de coleta de dados deste; 7ª Fase: Pós-teste 4: no final do segundo semestre letivo do ano subsequente àquele em que se realizou o curso de formação, portanto, aproximadamente dezoito meses após o pós-teste 1, repetiu-se os mesmos procedimentos de coleta de dados deste.

RESULTADOS:

1. Análise de conteúdo das entrevistas do pós-teste 1: investigação sobre possíveis mudanças de atitudes e aplicações em sala de aula a partir dos temas abordados no curso de formação continuada:

1.1. As Possíveis Mudanças de Atitudes:

Os resultados obtidos na análise de conteúdos das respostas dos 38 professores à questão: “Enumere alguns aspectos, atitudes de sua prática profissional atual, os quais você considera que foram influenciados pelo que você aprendeu ou vivenciou no Curso?” revelou que para o **Grupo I**, dentre os professores que responderam a esta questão: 44% das respostas podem ser consideradas como um indicador positivo referente a mudança de atitude, outras 33%, embora não tenham se referido a questão colocada, também apontam os resultados positivos do Curso e 11% fala de seu valor positivo em geral. No **Grupo II**: 57% apresentaram indicadores positivos de mudança de atitude, 29% se referem as inovações profissionais e 14% referem-se apenas a um aumento de conhecimento. No **Grupo III**: 70% apresentaram indicadores positivos de mudança de atitude e os outros 30% se referiram a dificuldade em participar do curso ou em implementar inovações em sala de aula. **Em conclusão**, pode-se afirmar que, nos três grupos que receberam o treinamento em serviço, a grande maioria dos profissionais entrevistados: ou respondeu com indicadores positivos de mudança de atitude ou referiu-se as inovações introduzidas em sala de aula, como resultados da participação no curso.

1.2. Atividades Inovadoras em Sala de Aula:

As respostas à questão: “Há alguma atividade de sala de aula que você tenha desenvolvido e que se constitua numa tentativa de aplicação dos conhecimentos ou vivências adquiridos no Curso? Descreva-as. Como você avalia o êxito ou sucesso dessas aplicações?” revelaram que para o **Grupo I**, dentre os professores que responderam: 60% das respostas podem ser consideradas como um indicador positivo, referente a introdução de dramatizações em sala de aula; outros 30%, introduziram inovações, embora

não propriamente dramatizações; e 10% não introduziram nenhuma inovação. No **Grupo II**: 67% declararam haver realizado aplicações profissionais do curso; 17% se referiram a aplicações profissionais, não especificadas; 17% se referiram a aplicações no consultório particular; e 17% declararam não haver realizado nenhuma aplicação. No **Grupo III**: 80% realizaram aplicações e os outros 20% declararam não tê-las feito. No **Grupo IV** (de Controle): 50% não realizaram nenhuma inovação; 40% inovações que não envolvem dramatização e 10% declararam tê-las feito. **Em conclusão**, se pode afirmar que, nos três grupos que participaram do Curso, em geral, a grande maioria dos professores entrevistados declarou haver introduzido inovações relacionadas aos conhecimentos adquiridos, em sala de aula. Por outro lado, do Grupo Controle, que não fez o Curso, a metade declarou não haver introduzido nenhuma inovação em suas atividades de sala de aula; da outra metade apenas um professor se referiu a inovação relacionada ao tema deste Projeto.

2. Análise de conteúdo das entrevistas do pós-teste 2: investigação sobre possíveis aplicações em sala de aula a partir dos temas abordados no curso de formação continuada:

As respostas dos professores dos três grupos à mesma questão utilizada no Pós-teste 1, que buscava revelar o desenvolvimento de atividades em sala, como resultado do Curso, revelaram que para o **Grupo I**, dentre os professores que responderam: 60% das respostas podem ser consideradas como um indicador positivo de continuidade de aplicação da proposta do Curso em sala de aula; outros 20%, introduziram inovações, embora não propriamente dramatizações; 10% ainda estão preparando a sala para introdução destas inovações; e 20% não introduziram nenhuma inovação. No **Grupo II**: 57% declararam não terem realizado aplicações profissionais do curso, 34% se referiu a aplicações profissionais, embora apenas 14% sejam dramatizações. No **Grupo III**: 30% realizaram aplicações e os outros 70% declararam não tê-las feito. **Em conclusão**, se pode afirmar que, dos três grupos que participaram do Curso, apenas o Grupo I mantém a maioria de seus participantes respondendo que introduziu inovações relacionadas aos conhecimentos adquiridos. Por outro lado, nos Grupo II e III, a maior parte de seus integrantes já não introduz mais inovações em suas atividades de sala de aula. Mesmo assim, no Grupo I ocorreu uma diminuição nas respostas favoráveis, pois no Pós-teste 1 60% realizavam

dramatizações, agora apenas 50% o fazem; e 30% realizavam outras inovações, naquela oportunidade, contra apenas 20% nesta.

3. Análise de conteúdo das entrevistas do pós-teste 3: investigação sobre possíveis aplicações em sala de aula a partir dos temas abordados no curso de formação continuada:

No Pós-teste 3 foi utilizada a mesma questão do Pós-teste 2, que buscava revelar o desenvolvimento de atividades em sala, como resultado do Curso. A análise das respostas obtidas revelaram que para o **Grupo I**, dentre os professores que responderam: 55% das respostas podem ser consideradas como um indicador positivo de continuidade de aplicação da proposta do Curso em sala de aula; outros 33%, introduziram inovações, embora não propriamente dramatizações; e 11% não introduziram nenhuma inovação. No **Grupo II**: 43% declararam não haver realizado aplicações profissionais do curso, 57% se referiram a aplicações profissionais, embora apenas 29% sejam dramatizações. No **Grupo III**: 50% realizaram aplicações e os outros 50% declararam não tê-las feito. **Em conclusão**, pode-se afirmar que, dos três grupos que participaram do Curso, os Grupos I e II mantêm a maioria de seus participantes respondendo que introduziram inovações relacionada aos conhecimentos adquiridos, em sala de aula. No Grupo III a metade afirma que introduziram inovações em sala de aula, decorrentes do Curso. No geral, se pode observar um pequeno aumento no número dos que afirmam realizarem inovações em sala de aula decorrentes do Curso, em comparação com o Pós-teste 2, nos três grupos.

4. Análise de conteúdo das entrevistas do pós-teste 4: investigação sobre possíveis aplicações em sala de aula a partir dos temas abordados no curso de formação continuada:

Como se pôde observar, após análise das respostas dos professores, para o **Grupo I**, dentre os professores que responderam: 70% das respostas podem ser consideradas como um indicador positivo de continuidade de aplicação da proposta do Curso em sala de aula; outros 20%, introduziram inovações, embora não propriamente dramatizações; e 10% não introduziram nenhuma inovação. No **Grupo II**: 50% declararam não haverem realizado

aplicações profissionais do curso e 50% se referiram a aplicações profissionais. No **Grupo III**: 44% realizaram aplicações e os outros 55% declararam não tê-las feito. No **Grupo IV**: 70% não realizaram nenhuma inovação; 20% realizaram inovações que não envolvem dramatização e 10% declararam tê-las feito. **Em conclusão**, se pode afirmar que, dos três grupos que participaram do Curso, o Grupo I mantém a maioria de seus participantes respondendo que introduziram inovações relacionadas aos conhecimentos adquiridos. No Grupo II apenas a metade apresentou declarações similares; enquanto no Grupo III esta frequência é menor, correspondendo a 44%. No Grupo IV (de Controle) a grande maioria (70%) afirma não terem introduzido nenhuma inovação em sala de aula. No geral, se pode observar um pequeno aumento no número de inovações em sala de aula, decorrentes do Curso, em comparação com o Pós-teste 3, nos três grupos. E também uma superioridade destes três em relação ao Grupo IV, de Controle.

CONCLUSÕES

Os resultados apresentados mostram que as comparações entre os quatro Pós-Testes, apresentada anteriormente, demonstram que o Curso sobre Aplicações do Psicodrama à Educação Especial produziu efeitos significativos sobre os participantes. A grande maioria deles revelou mudanças de atitudes e a implementação de novas atividades em sala de aula baseada nas técnicas ensinadas. Por outro lado, a maioria dos integrantes do Grupo Controle, que não recebeu o Curso, declarou não haverem desenvolvido inovações, em suas práticas de sala de aula, desde as entrevistas iniciais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, G. F. Psicodrama com excepcionais. Revista da FEBRAP, 3(1): 31-37, 198.
- ANDRADE, A. S. "Psicodrama moreniano de dois grupos de crianças com problemas de aprendizagem". In: Reunião Anual da Soc. de Psicologia de Rib. Preto. XXI, 1991a.
- ANDRADE, A. S. Princípios do Psicodrama aplicados ao ensino especial. (Plano de Curso apresentado à 26a. Delegacia Regional de Ensino de MG), mimeo., 1991b.

- ANDRADE, A. S. Grupos de promoção do auto-conhecimento sobre a prática profissional de professores de 1o. e 2o. graus, numa abordagem moreniana. (Relatório de atividades apresentado ao CPA da FFCL da USP, Campus de Ribeirão Preto), mimeo., 1992b.
- ANDRADE, A. S. Psicodrama infantil com dois grupos de alunos portadores de deficiência mental educável, In: International Congress Of Group Psychotherapy, 12nd, Buenos Aires, Argentina, 1995.
- BUBENHEIMER, V. U. Das Psychodrama in der Aus- und Fortbildung von Lehrern und seine Bedeutung für einen "therapeutischen" Unterricht. Praxis der Kinderpsychologie und Kinder psychiatrie, 28(8): 277-284, 1979.
- BUSTOS, D. N. Supervisão docente com Psicodrama Pedagógico In: D. M. Bustos Psicodrama: aplicações da técnicas psicodramática. Trad.: Lúcia Neves, São Paulo: Summus, 1982, cap. 8, p. 161-166.
- BUSTOS, E. N. Espinosa, G. G.; Rimoli, D, e Sangiácomo, R. B. Psicodrama Pedagógico In: D.M. Bustos O Psicodrama: aplicações da técnicas psicodramática. Trad.: Lúcia Neves, São Paulo: Summus, 1982, cap. 7, p. 127-160.
- CARÉ, J-M. Jeux de Rôles: jeux drôles ou drôle de jeux. Français dans le Monde, (176): 38-42, 1983.
- CLAYTON, L. e Robinson, L. D. Psychodrama with Deaf People. American Annals of The Deaf, 116(4): 415-419, aug., 1971.
- COSTA, D. L. A. Psicodrama na escola de 1o. grau. Revista da FEBRAP, 3(1): 94-97, 1980.
- DA COSTA, M. C. M. Alguns aspectos do desenvolvimento do papel profissional de educador através da metodologia psicodramática. In: E. F. Puttini, L. F. Passos, M. C. M. Da Costa e S. da C. Urt (Org.) Psicodrama na educação. Ijuí: Unijuf, 1991, p.:29-60.
- DUPLESSIS, J. M. e Lochner, L. M. The effects of group psychotherapy on the adjustment of four 12-year-old boys with learning and behavior problems. Journal of Learning Disabilities, 14(4): apr., 1981.
- GRAHAM,G. Sociodrama as a teaching technique. Social Studies, (51): 257-259, dec., 1960.
- HALLAHAN,D. P. e Kauffman, J. M. Exceptional Children: introduction to special education. Englewood Cliffs, New Jersey, Prentice-Hall, Inc., 3th. ed., 1986.
- HAZELTON, T., Price, B. e Brown, G. Psychodrama, creative movement and remedial arts for children with special educational needs. Association of Educational Psychologists Journal, 5(1): 32-37, 1979.

- HOZMAN, M. E. F. e Silva, M. S. Psicodrama aplicado à Educação: diretrizes gerais para o desenvolvimento afetivo e psicomotor de alunos de 1o. grau da Rede Municipal de Ensino de Curitiba. Revista da FEBRAP, 3(1): 24-26, 1980.
- KAUFMAN, A. Teatro Pedagógico: bastidores da iniciação médica. São Paulo: Ágora, 1992.
- KENNY, A. An arts activities approach: counseling the gifted, creative, and talented. Gifted Child Today, 10(4): 35-39, jul./aug., 1987.
- KOHUT Jr., S. Psychodrama techniques for inservice teacher training. College Student Journal, 10(2): 114-115, sum., 1976.
- LEE, T. The sociodramatist and sociometrist in the primary school. Journal of Group Psychotherapy, Psychodrama and Sociometry, 43(4): 191-196, win., 1991.
- MATHIS, J. A., Fairchild, L. e Cannon Jr., T. M. Psychodrama and Sociodrama in primary and secondary education. Psychology in the Schools, 17(1): 96-101, jan., 1980
- MAXEINER, V. V. Märchenspiel als Gruppenpsychotherapie für behinderte Kinder. Praxis der Kinderpsychologie und Kinderpsychiatrie, 37(7): 252-257, 1988.
- MAYNARD, P. E. Group training four counselors: a one-year follow-up. Counselor Education and Supervision, 15(3): 225-228, mar., 1976.
- MAZOTA, M. do C. E. e Silva, R. C. O atendimento institucional e a espontaneidade na criança excepcional. Revista da FEBRAP, 3(1): 31-37, 1980.
- MORAES, M. L. A. de Supervisão acadêmica de estágio em Psicologia Escolar com o uso de técnicas psicodramáticas. Psico, Porto Alegre, 9(2): 93-98, jul/dez., 1984.
- PUTTINI, E. F. O papel do professor da pré-escola: uma abordagem psicodramática. In: E. F. Puttini, L. F. Passos, M. C. M. Da Costa e S. da C. Urt (Org.) Psicodrama na educação. Ijuí: Unijuí, 1991, p.:61-93.
- ROMAÑA, M. A. Psicodrama Pedagógico. Campinas, SP: Papirus, 1987.
- ROMAÑA, M. A. Construção coletiva do conhecimento através do Psicodrama. Campinas, SP: Papirus, 1992.
- ROSSI, M. Psicodrama: sensibilização e treinamento com atendentes de excepcionais. Revista da FEBRAP, 6(1): 128-130, 1984.
- SACKS, J. M. Psychodrama: an underdeveloped group resource. Educational Technology, 13(3): 37-39, feb., 1973.
- SHEARON, E. M. e Shearon Jr., W. Some uses of Psychodrama in Education. Journal of Group Psychotherapy and Psychodrama, 26(3-4): 47-52, 1973.
- SILVA, M. S. e Hozman, M. E. Psicodrama aplicado à pedagogia. Revista da FEBRAP, 3(1): 156-168, 1980.

- SOARES, C. L. Z. Psicodrama na escola de 1o. grau. Revista da FEBRAP, 3(1): 94-97, 1980.
- SWINK, D. F. Psychodramatic treatment of deaf people. American Annal of the Deaf, 130(4): 272-277, 1985.
- URT, S. da C. O mundo da criança e a criança no mundo: vivenciando o seu desenvolvimento numa abordagem psicodramática. In: E. F. Puttini, L. F. Passos, M. C. M. Da Costa e S. da C. Urt (Org.) Psicodrama na educação. Ijuí: Unijui, 1991, p.:94-119.